



LIVROS ILUSTRADOS DE DIFERENTES PAÍSES: DIVERSIDADES E ENSINO

Newton Freire Murce Filho¹

Resumo


Este trabalho investiga como, em meio à manutenção da tradição, a inovação se faz presente em livros ilustrados para crianças, publicados em cinco países. Na análise, foi observado como os textos verbal e visual compõem regularidades ou rompimento dessas regularidades, possibilitando a emergência de inovação, particularmente representações de diversidades e singularidades de gênero, étnica, racial e social. Uma reflexão sobre o ensino de literatura também foi feita, considerando que essas representações podem ter papel significativo para a constituição das subjetividades dos leitores em formação. O estudo fundamenta-se nos trabalhos de Louro (2014), Cadermatori (2010), Cosson (2016), Belmiro (2014) e Nikolajeva (2010).

Palavras-chave: Livro ilustrado. Diversidade. Ensino.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise de obras literárias para crianças publicadas em cinco países, entre 2007 e 2016, observando-se os modos como diversidades e singularidades são ou não representadas. Trata-se de livros ilustrados altamente recomendados, publicados no Brasil, no Canadá, na Inglaterra e nos Estados Unidos. O eixo principal que direciona a investigação se baseia nos modos como em meio à manutenção da tradição, em variados aspectos, a inovação se faz presente em muitas das obras estudadas. À discussão, acrescenta-se uma reflexão sobre ensino, uma vez que muitas vezes a literatura infantil ainda é utilizada com pretextos exclusivamente pedagógicos. Ao longo da investigação, foi observado como os textos verbal e visual compõem regularidades ou rompimento dessas regularidades, por meio das quais foi possível observar a emergência de inovação, particularmente representações de diversidades e singularidades de gênero, étnica, racial e social. Essas representações podem ter papel significativo para a constituição das subjetividades dos leitores em formação.

¹ Pós-Doutor em Educação, CEPAE/UFG, newtonmurce@yahoo.com.br.





Literatura infantil: tradição e inovação

Reynolds (2007) argumenta que a literatura infantil consiste em um espaço cultural curioso e paradoxal: ao mesmo tempo altamente regulado e negligenciado; ortodoxo e radical, além de didático e subversivo. Um espaço em que escritores, ilustradores e editores experimentam ideias, vozes, formatos e mídia, brincando com convenções e contestando o pensamento sobre normas e sobre como as sociedades deveriam ser organizadas (p. 3). A pesquisadora contrapõe-se, portanto, à ideia de que a literatura infantil seja predominantemente conservadora, por meio da demonstração de sua notável capacidade de inovação (p. 8-9). Para ela, essa literatura tem poder transformador, tanto social quanto esteticamente, oferecendo novas visões que operam em termos de enredo e conteúdo, inspirando inovação estilística, novas formas narrativas e inovadoras explorações do livro como mídia.


Literatura e ensino

Segundo Nikolajeva (2010a), possivelmente a divisão arte *versus* pedagogia seja a questão central que ainda hoje mobiliza o campo das pesquisas em literatura infantil. Porém, para ela, a questão não deveria centrar-se na dicotomia “ou-ou”, mas em “ambas”, ou seja, a literatura infantil é arte e ao mesmo tempo pedagogia. Ela sugere, ainda, que toda literatura (para adultos ou não) é ao mesmo tempo uma forma de arte e uma didática, ou um veículo ideológico (p. 7).

Em se tratando da discussão sobre a literatura infantil na escola, não se pode desconsiderar sua importância no desenvolvimento linguístico e intelectual do homem (CADERMATORI, 2010, p. 56), particularmente a possibilidade que a literatura permite de a criança poder ter experiências – com a materialidade linguística, visual e plástica –, que não se limitam à língua em sua função de instrumento para a comunicação, mas língua como meio expressivo, prazeroso de exploração das mais diversas possibilidades combinatórias.

Cosson (2016), ao explicitar o que chama de “nova morfologia do sistema literário infantil” (p. 60), afirma que “os textos ficaram mais complexos do ponto de vista da elaboração e passaram a demandar uma leitura interpretativa que vai além da simples decifração ou localização de informação” (p. 60). Nesse sentido, livros como os analisados neste trabalho constituem obras importantes que contribuem para a discussão proposta pelo pesquisador, a respeito da formação do leitor, particularmente no que concerne ao que o estudioso propõe sobre a competência literária do leitor, mais do que se fazer uso da literatura exclusivamente para a aquisição da escrita. Para ele, ler literatura infantil não pode ser mais





visto como um estágio para qualquer coisa, mas sim como uma experiência literária autêntica” (COSSON, 2016, p. 63).

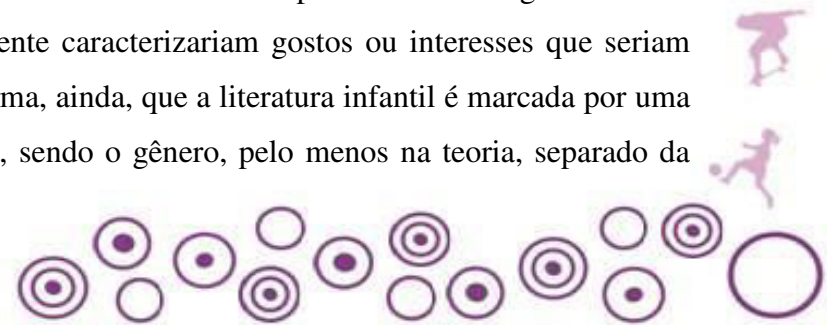
E experiência literária autêntica é, sem dúvida, o que as obras aqui analisadas possibilitam, seja por meio dos espaços que se abrem para a contribuição significativa do leitor no ato da leitura ou pelas infinitas possibilidades de interpretação que elas permitem, na interação entre texto verbal e texto visual. Trata-se de obras que produzem lacunas, as quais só podem ser preenchidas com a contribuição determinante do leitor, que deixa de meramente acompanhar o enredo, para se incluir ativamente no ato de leitura, o que certamente contribui para o enriquecimento de sua competência literária (BELMIRO, 2014; NIKOLAJEVA, 2010b).


Em se tratando de ensino, de sala de aula ou de aquisição de escrita, obras como as que analisamos podem, eventualmente, permitir um viés pedagógico, porém, sem ser exclusivamente pedagógicas. Isso se dá porque não se trata de obras escritas *para* ensinar aos leitores determinados conteúdos a serem aprendidos, mas obras que privilegiam as potencialidades da linguagem (verbal, visual e gráfica), constituindo materialidades repletas de potencialidades criativas que acabam convidando os leitores a experimentá-las, o que certamente contribui para a formação de sua competência literária.

Em um trabalho anterior (MURCE FILHO, 2016), pude observar como, em obras de diferentes países, no que se refere a representações familiares, há ainda a predominância do modelo nuclear, mas constatei, ao mesmo tempo, a presença de diversidade, com representações de diferentes etnias, raças e formações familiares, com pais solteiros ou casais do mesmo sexo criando seus filhos, dentre outras. Neste trabalho, amplio um pouco o foco de observação, incluindo representações de gênero, classe, corpo e sexualidade.

Então garotos gostam de aventuras e do mundo lá fora e garotas tendem a habitar cenários domésticos e histórias sobre relacionamentos?

Esta pergunta parte de uma observação feita por Nodelman (2008), segundo o qual a reiteração de noções tradicionais de gênero é um aspecto significativo do trabalho colonizador da literatura infantil, tanto que uma de suas características é que ela tem como intenção ensinar o que significa ser menina, para as meninas, e o que significa ser menino, para os meninos (p. 173), havendo, inclusive, livros direcionados especificamente a garotos ou a garotas, produzindo o que presumidamente caracterizariam gostos ou interesses que seriam típicos de garotos ou de garotas. Ele afirma, ainda, que a literatura infantil é marcada por uma construção de infância como assexuada, sendo o gênero, pelo menos na teoria, separado da





sexualidade, significando que os meninos, então, devem parecer meninos e as meninas devem parecer meninas.

Ao analisar as obras para este trabalho, levamos em conta a recomendação de Louro (2014, p. 68), segundo a qual “temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui” (...). “A linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (p. 69).

Brasil

É interessante perceber que, ainda que haja representações de personagens garotas ocupando posições ou desempenhando papéis tradicionalmente atribuídos a elas, em livros de todos os países pesquisados neste trabalho ocorre a presença de personagens meninas que deixam marcadas significativamente suas singularidades. É o que se vê, por exemplo, em *Pequenas Guerreiras*², que conta uma história de meninas amazonas. Tal como se costuma ver com personagens meninos, elas não têm medo de se vingar e amam aventuras. Nessa mesma obra, os homens são mencionados com características geralmente não atribuídas ao universo masculino: eles choram, não são corajosos o bastante e têm medo.

Em *Amarílis*³, chama a atenção a personagem de um garoto muito sensível, cego, que “gostava de chorar, às vezes, quando o pai viajava”. A presença de uma personagem como esta abre as possibilidades de diversas crianças leitoras que não enxergam poderem se identificar com ela, estabelecendo, assim, uma conexão com o outro. Em *Controle Remoto*⁴, o texto visual retrata garotos e garotas jogando futebol e andando de bicicletas juntos. Personagens singulares comparecem também em *Maçãs Argentinas*⁵, como um pai e um tio que choram, um garoto que auxilia sua mãe no trabalho doméstico e uma “prima de bigode”.

EUA

No livro *A book*⁶, uma personagem é exemplo de empoderamento de uma menina que se recusa a ter sua história escrita por alguém que não seja ela mesma. Após uma longa jornada em busca do que pudesse ser a sua história, ela toma uma decisão: “My story is that of a young girl who doesn’t know what her story is, and so (...) she writes her own story. I shall

² Jaguarê Yamã, ilust. Taisa Borges


³ Eva Furnari, ilust. Cárcamo

⁴ Tino Freitas, ilust. Mariana Massarani

⁵ Paulo Venturelli, ilust. Odilon Moraes

⁶ Mordiscai Gerstein





become an author.” *Samantha on a Roll*⁷ também conta a história de uma garota danada que ama aventuras. Desobedecendo à mãe, que não pode lhe ensinar a andar de patins, Samantha pratica sozinha e sai de casa patinando e vivendo mil aventuras sobre rodas. No que diz respeito a novas formações familiares e papéis dentro delas, as ilustrações de *Lazy Little Loafers*⁸ mostram quase a mesma quantidade de mães e pais, de diferentes etnias e idades, nos parques, com seus carrinhos de bebês, alimentando e cuidando de seus filhos.

*10000 Dresses*⁹ conta a história de um garoto que não se adapta ao seu corpo de menino e que ama e sonha todos os dias com vestidos mágicos. De maneira semelhante, *Red: A Crayon's Story*¹⁰ conta a história de um lápis de cera azul que é nomeado como *Red*, o que lhe causa sofrimento, uma vez que não se identifica como *Red*.

Canadá

Nas obras publicadas no Canadá, *A Few Blocks*¹¹ e *Night Sky Wheel Ride*¹², personagens meninos e meninas ocupam papéis tipicamente masculinos e femininos, mas ao mesmo tempo, compartilham características ligadas a um universo muitas vezes atribuído a garotos, envolvendo liderança, aventura e coragem.

Em *Morris Micklewhite and the Tangerine Dress*¹³, há um personagem menino que gosta de aventura, como muitos outros. Ao mesmo tempo, contudo, ele gosta de usar um vestido cor de tangerina, que lhe lembra o sol, o tigre e o cabelo de sua mãe. Evidentemente, isso lhe causa sofrimento na escola, uma vez que “boys don’t wear dresses”.

Inglaterra

Em *Aunt Amelia*¹⁴, também ocorre a presença, nas ilustrações, de personagens que gostam de aventuras e se fantasiam de elementos do sexo oposto. São dois irmãos, um menino e uma menina que, na ausência da mãe e junto com sua tia, brincam com sapatos de salto alto, um chapéu de pirata e uma barba, usados pelo menino, e a maquiagem de um bigode, usada pela menina. Uma irmãzinha de *My Big Shouting Day*¹⁵ também brinca com seu irmão bebê,

⁷ Linda Ashman, ilust. Christine Davenier

⁸ Susan Orlean, ilust. Brian Karas

⁹ Marcus Ewert, ilust. Rex Ray

¹⁰ Michael Hall

¹¹ Cybèle Young


¹² Sheree Fitch, ilust. Yayo

¹³ Christine Baldacchino, ilust. Isabelle Malenfant

¹⁴ Rebecca Cobb

¹⁵ Rebecca Patterson





fantasiando-o com batom, salto alto e maquiagem. As ilustrações mostram ainda um único garoto fazendo aula de balé em uma turma de muitas meninas.

Representações étnicas, raciais, sociais, de corpo e sexualidade

Referências a uniões multirraciais aparecem em algumas obras, de todos os países, principalmente nas ilustrações. Em *Pequenas Guerreiras*, uma garota loira é filha de uma amazona com um estrangeiro invasor.

Personagens negras são representadas como protagonistas, como se vê em *Uma Princesa Nada Boba*¹⁶ e *Obax*¹⁷. Em *Maçãs Argentinas*, diferentes etnias comparecem na diversidade da sala de aula, onde uma das personagens, “Galego”, tem origens alemãs. Nos livros brasileiros, classes sociais menos privilegiadas têm destaque, como em *Carvoeirinhos*¹⁸, que retrata a vida de garotos que trabalham em carvoarias. Nessa mesma obra há uma personagem um tanto rara em livros para crianças: um menino albino, que ilumina o livro com a sua singularidade. Na obra *Os invisíveis*¹⁹, “moradores” de rua, embora permaneçam “invisíveis”, aos olhos dos adultos, instigam e mobilizam o olhar curioso de uma criança. Em *Maçãs Argentinas*, a família de operários que protagoniza a história sofre com a pobreza, como a própria personagem narradora, um menino, relata: salário “foi a palavra que mais boicotou minha infância” (p. 27).

Chama a atenção em alguns livros brasileiros referências ao corpo e à sexualidade, o que reflete uma certa ruptura no discurso predominante em literatura infantil, que desvincula qualquer referência da criança à sexualidade, tal como lembra Nodelman (2008). Em *Maçãs Argentinas*, o olhar do menino que narra o texto tenta nomear, à sua maneira, o que ainda desconhece e que, no entanto, faz enigma. Ele se pergunta, por exemplo, se “anjos não têm buraquinhos”. Em outros momentos, que aparecem mais de uma vez, ele tenta dar algum “nome” pro enigmático, chamando-o de “aquilo” ou “não sei o quê”, como em “(...) aquele vizinho que fez não sei o quê com a filha (...)”. O interesse pelo enigmático se dá também pelo olhar que captura “partes” do corpo de uma adulta, como em “decote arredondado sobre os seios”.

Além da qualidade literária das obras aqui analisadas, manifestada por meio de uma linguagem que explora suas potencialidades, convidando os leitores para participar ativamente da interpretação, chama a atenção os modos como elas permitem que as diferenças,


¹⁶ Luiz Antonio, ilustr. Biel Carpenter

¹⁷ André Neves

¹⁸ Roger Mello

¹⁹ Tino Freitas, ilustr. Renato Moriconi





diversidades e singularidades sejam representadas, sem algum viés de preconceito ou estereótipo, o que certamente contribui para a formação das subjetividades dos leitores. Se essas obras estiverem presentes na escola, certamente auxiliam alunos, professores e pais a entenderem e respeitarem o diferente e, em se tratando do ensino de literatura propriamente dita, elas contribuem significativamente, auxiliando leitores em formação a compreenderem universos de conteúdo e de linguagem que apontam para o singular, o novo, o que é especial de cada pessoa, cada linguagem e cada obra. Avanços nessa compreensão definitivamente favorecem a competência literária dos leitores.

Referências

BELMIRO, C. A. Provação e imaginação: diálogos entre narração e descrição na literatura infantil. **Idioma**, n. 27, p. 6-18, 2014.

CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COSSON, R. Literatura infantil em uma sociedade pós-literária: a dupla morfologia de um sistema cultural em movimento. **Pro. posições**, v. 27, n. 2 (80), p. 47-66, 2016.

MURCE FILHO, N. F. Changing Family Models: A study of highly recommended children's picture books from the United States, Canada, and Brazil. *In*: K. Golimowska, R. Isensee e D. Rose (Org.) **Family and kinship in the United States: cultural perspectives on familial belonging**. Frankfurt: Peter Lang Edition, 2016. p. 55-75.

NIKOLAJEVA, M. **Power, voice and subjectivity in literature for young readers**. New York, NY: Routledge, 2010a.

_____. M. Literacy, competence and meaning-making: a human sciences approach. **Cambridge Journal of Education**, v. 40, n. 2, p. 145-159, 2010b.

NODELMAN, P. **The hidden adult: defining children's literature**. Baltimore: John Hopkins UP, 2008.

REYNOLDS, K. **Radical children's literature – future visions and aesthetic transformations in juvenile fiction**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan Ltd., 2007.

Agradecimentos

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Programa Nacional de Pós-Doutorado, da CAPES

Universidade Federal de Goiás

Canadian Children's Book Centre, Toronto





Centre for Research in Young People's Texts and Cultures, University of Winnipeg
Internationale Jugendbibliothek, Munique





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

